

## A MEDIAÇÃO COMO PROCESSO DE REFLEXÃO NOS ANOS INICIAIS A PARTIR DA MONTAGEM CÊNICA “O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO”

MAIARA SILVEIRA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; EDUARDA GARCIA BENTO<sup>2</sup>; JOÃO VITOR SOARES<sup>3</sup>; MARIA BEATRIZ CONCEIÇÃO LAVALL<sup>4</sup>; E MARIA FONSECA FALKEMBACH<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Licenciatura em Teatro UFPEL – [maiarasilvo@gmail.com](mailto:maiarasilvo@gmail.com)

<sup>2</sup>Faculdade de Licenciatura em Teatro UFPEL – [eduardagb12@gmail.com](mailto:eduardagb12@gmail.com)

<sup>3</sup>Faculdade de Licenciatura em Teatro UFPEL – [joaovitorsoaresr@hotmail.com](mailto:joaovitorsoaresr@hotmail.com)

<sup>4</sup>Faculdade de Licenciatura em Dança UFPEL – [beatriz.ufpel@gmail.com](mailto:beatriz.ufpel@gmail.com)

<sup>5</sup>Centro de Artes UFPEL – [mariafalkembach@gmail.com](mailto:mariafalkembach@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), por integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Artes Cênicas da UFPEL, e apresenta uma análise do trabalho de mediação feito na escola Cecília Meireles na cidade de Pelotas, a partir do espetáculo “O incrível mistério de Honorato, o rato” apresentado no dia 22 de outubro de 2018 pela Você Sabe Quem Companhia de Teatro.

O PIBID Artes Cênicas atual, foca seu trabalho na proposta de mediação com o objetivo de aproximar os grupos de indivíduos das obras culturais, neste caso de dança e teatro. Trabalhamos a mediação em uma abordagem que entende a importância da mesma para a formação de espectadores ativos (JOHANN; RORATTO, 2010). Entendemos que facilitar uma reflexão a cerca do produto (obra) é uma possibilidade de aproximar o aluno de escola pública com a arte.

### 2. METODOLOGIA

O referido espetáculo, *O incrível mistério de Honorato, o rato*, que é livremente adaptado do livro infantil “Quem Matou Honorato, o Rato”, conta a história de uma menina que, ao ler um livro, entra no universo da literatura. Além dela, há mais cinco personagens: O inspetor Antenor, a Liloça Gatoca, o Vovô Antônio Gatonho, Juvenal – o Eletricista, e o Doutor Thiago. A menina ajuda os personagens dessa história a desvendar um crime que aconteceu em uma casa amarela: um rato, chamado Honorato, é assassinado, e todos, inclusive a menina, são suspeitos de tal crime.

A proposta de mediação foi elaborada a partir da necessidade de construir a relação entre a obra e o público, dando ênfase na exploração dos dois elementos fundamentais abordados na peça: a área de jogo, e a desconstrução da figura cotidiana. Para Johann e Roratto (2010) mediação se define como:

“Mediação é estar entre; entre a obra e o sujeito [...] entre influenciado e influenciando. É a linha que costura o espaço que existe entre a obra e o público. [...] Mediação é ação que pretende desvelar, descortinar horizontes da obra [...] Mediação é ação que media, é preposição que cria conexões. Mediação é busca, desconstrução e construção de significados. [...] aquilo que possibilita o

deslocamento de um lugar ao outro. [...] Pode ser entendida como uma ação intencional criada com o objetivo de aproximar, viabilizar, esclarecer, desvelar e informar “coisas” entre a arte e o público.”

Johann e Roratto nos ajudam a pensar na mediação enquanto uma forma de facilitar a construção de um pensamento crítico e reflexão acerca de obra. Esta facilitação pode se dar antes ou depois do espetáculo.

O primeiro elemento, neste caso, é a área de jogo, que é construída para mostrar que todo mundo pode fazer teatro, basta ter imaginação. No espetáculo ela é representada por um tapete amarelo, mas poderia ser um palco, uma corda, uma fita, um risco no chão. É neste tapete amarelo que acontece todo o jogo cênico. Antes de o espetáculo iniciar, os atores explicam que quando estiverem fora da área de jogo, são os atores, e quando estiverem dentro, são os personagens. A área de jogo é utilizada para facilitar o entendimento da criança a respeito da dualidade ator/personagem, e para tirar o caráter ilusório do espetáculo, abordagem esta comum no teatro de Brecht, por exemplo.

O segundo elemento é a criação de uma figura extra-cotidiana, ou seja, uma figura que não condiz com o real, que permite o indivíduo a explorar diferentes maneiras de utilizar o seu corpo, a partir da desconstrução do mesmo. “Nossos corpos, portanto, aprendem na escola, sobretudo no período do ensino fundamental, a se mobilizar na prática de atividades intelectuais ou gestuais padronizadas, de forma que as realizemos de forma correta e eficiente, gastando apenas a energia estritamente necessária para sua realização. E é justamente este o tipo de corpo que Barba pretende descartar quando se está em cena: as técnicas cotidianas, caracterizadas pelo princípio do menos esforço. (ALVES, 2010)

A peça tem como linguagem uma encenação que explora o nonsense (desprovido de coerência, significado), beirando e brincando com a linguagem do teatro do absurdo, mas de uma maneira leve que dá liberdade e possibilidade para os espectadores visualizarem a figura extra-cotidiana mencionada anteriormente.

As autoras argumentam ainda que o mediador é aquele oportuniza o espectador a conhecer a obra e o instiga a pensar e refletir, de modo que o espectador encontre por si só o sentido que aquela obra de arte tem em sua vida. Para elas, o mediador estimula o público a ver na obra coisas que não havia observado antes, ele então amplia o olhar do espectador oferecendo um mundo de possibilidades de interpretações em que esse encontrará de forma autônoma permeado com suas vivências.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a apresentação do espetáculo, a mediação ocorreu com aproximadamente vinte alunos da pré-escola. As crianças estavam agitadas, e logo no início percebemos que a mediação não aconteceria como esperávamos. Propuzemos um breve alongamento em círculo, quando aproveitamos para conhecer os alunos e saber suas impressões acerca do espetáculo. Os comentários foram semelhantes, mostrando a satisfação dos alunos. Após isso, questionamos os alunos sobre o que tinham entendido sobre a área de jogo, explicamos que era ali onde acontecia o jogo teatral e então desenhamos com giz um grande quadrado no chão, onde seria a nossa área de jogo naquele momento. Pedimos a eles, para pensarem no seu animal preferido, e dentro da área de jogo, fazer uma caricatura do mesmo.

Nesse momento, percebemos que os alunos ainda estavam muito agitados e que tínhamos pouco tempo para realizar o exercício. Então, decidimos mudar a dinâmica. Juntamos algumas duplas e trios. Eles tinham de mostrar aos colegas, com o corpo, o seu animal preferido (exercício parecido com a mímica), estabelecendo dessa forma uma relação palco/platéia. Após observar o colega, o espectador deveria entrar no jogo, re-criando o animal preferido do colega de forma não-cotidiana/habitual. Percebemos em alguns casos que o processo de desconstruir o animal representado pelo colega fazia com que os alunos criassem outros animais semelhantes, como se fosse um jogo de transições de diferentes corpos.

Após isso, convidamos os alunos para desenhar as suas impressões com o objetivo de ver o que mais repercutiu em cada um. As escolhas de referência dos desenhos foram bem divididas entre o espetáculo teatral “O incrível mistério de Honorato, O rato”, em si, e os animais do exercício da mediação, sendo quase inexistente a presença de desenhos que mencionassem a área de jogo.

#### 4. CONCLUSÕES

Apesar da mediação não ter acontecido totalmente como foi planejado, a experiência nos acrescentou enquanto futuros docentes desde a maneira como abordar as crianças de forma que prendesse sua atenção, até a forma como nos adaptarmos à realidade escolar. O processo de mediar uma obra foi um desafio para nós, uma vez que as mensagens que ela pode (ou não) passar são infinitas. O mediador não está aplicando a atividade com o objetivo de fazer com que o indivíduo entenda a obra de alguma maneira específica, é apenas um exercício para fazer com que o indivíduo reflita sobre a obra, e tire suas próprias conclusões, sejam elas positivas ou negativas. Para nós, mediadores, foi interessante observar em qual aspecto da obra os alunos de anos iniciais colocaram suas atenções, e como na maioria das vezes, estes aspectos não estavam dentro daqueles que nós julgamos importantes: a área de jogo, ou a figura extra-cotidiana. Estes aspectos poderiam ser múltiplos: os elementos utilizados em cena, a forma como a personagem se mostrava sonolenta, o rato que era de pelúcia e manuseado pelos próprios autores. Enfim, a mediação é de fato apenas uma ferramenta para que os espectadores estejam ativos, em contato direto com a obra.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOHANN, M.R.; RORATTO, L. J. B.; Projeto de pesquisa – Mediação estética: a construção do conhecimento através da apreciação da obra. Pesquisa e Extensão da Unijuí, Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2010.

RETTAMOZO, M.D.; ROSSETO, R.; O Corpo extra-cotidiano na instituição de formatação do cotidiano; **O MOSAICO**. Faculdade de Artes do Paraná. p.45 – p.54. 2012.